

A CULTURA COMO CATEGORIA DE ANÁLISE NOS ESTUDOS DA GEOGRAFIA

Selma Paula Maciel Batista*

RESUMO: *Nos últimos anos, o patrimônio cultural brasileiro vem sendo utilizado como mercadoria, viabilizando entrada de recursos estrangeiros para execução de projetos nacionais focados, sobretudo, nas questões sócio-ambientais, agrárias, urbanas e ecológicas. Estratégia política e econômica que tem viabilizado no contexto nacional, em diferentes escalas de análise, a implantação de projetos públicos de desenvolvimento social, urbano e regional, promovendo, na dimensão do espaço geográfico, transformações, tanto no espaço construído como no espaço vivido. Com este enfoque, pretende-se neste artigo ampliar, no âmbito da geografia, a discussão sobre o conceito de cultura COMO categoria de análise nos estudos urbanos, buscando compreender a influência e dinâmica deste elemento no processo de configuração do território, compreendido como o espaço produzido, onde, conseqüentemente, se dão as relações de poder, mediadas pela força do uso da linguagem e da comunicação.*

Palavras – Chave: Cultura; Poder; Território

Este artigo busca refletir o uso da cultura como categoria de análise nos estudos científicos de geografia, com intuito de contribuir para o entendimento da abordagem cultural no contexto da dinâmica de localidades que, ricas em aspectos culturais, a partir da influência de redes de comunicação articuladas, em diferentes escalas de atuação, vêm promovendo, no âmbito do lugar, significativas transformações que, em um processo aparente de contradições, se pretende compreender.

Ciente de que as abordagens, no contexto da geografia cultural, tendem a valorizar, na dimensão do espaço geográfico, o lugar e seu cotidiano. Nesta reflexão, para contemplar o proposto, direcionaremos o foco para a análise das categorias cultura, poder e território. Uma tríade que dita na atualidade as dinâmicas do processo de configuração socioespacial no território brasileiro.

Apesar das diversas tendências na contemporaneidade, sobre a abordagem da geografia cultural, a contribuição pioneira esta em Vidal de La Blache quando ignorou a dicotomia homem e meio, valorizando a relação estreita entre a vida humana e a natureza e, em Carl Sauer (*apud* Cosgrove, 1998) para quem a cultura era compreendida como:

[...] conjuntos de “hábitos adquiridos” envolvendo atitudes e preferências, que foram inventadas e adquiridas e estão incessantemente sujeitas a mudanças (COSGROVE, 2003, p. 107-108).

Conceituação que se leva em conta nesta reflexão, quando se pretende compreender de que forma o elemento cultural é apreendido na dimensão da vida cotidiana, visto por si só não responderem pelos processos de transformação do meio no qual estão inseridos. Ou seja, é necessário que haja um projeto, que viabilize a atuação de um ator, de modo que este seja capaz de promover as mudanças pretendidas, projetadas e idealizadas.

* Mestranda em Geografia / Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia — bolsista CAPES. Orientadora: Maria Auxiliadora da Silva, professora doutora do Departamento e do Mestrado em Geografia.

Para que se entenda tais mudanças com base nos elementos culturais, é necessário analisar na dimensão do espaço, no qual as transformações se processam, as formas nele materializadas e, sobretudo, as funções que estas desempenham, pois tal processo tende a instituir um sistema de dinâmicas de comunicação que em rede, a partir do momento em que influenciam as relações cotidianas do lugar, acabam por sobrepor ao espaço vivido, uma nova estrutura – o espaço construído. Na contribuição de Armand Frémont (apud GOMES, 1996), o teórico nos explica que o espaço vivido visa

[...] substituir a noção de um espaço alienador, definido ao mesmo tempo por uma atitude de nostalgia do passado e por uma febre futurista de planificação. Desta maneira, o espaço vivido torna-se uma categoria que acentua a constituição atual dos lugares, dedicando uma atenção especial às redes de valores e de significações materiais e afetivas. (GOMES, 1996, p. 317)

E o lugar, como *locus* de uma rede de relações e valores pautados em símbolos impregnados de significados, tende, na dinâmica de um mundo globalizado, a universalizar o que até então era individual e que, segundo Bourdieu (2003), exige a interferência de um sujeito que seja:

[...] capaz não só de perceber as diferenças, mas também de as reconhecer como significantes, interessantes, quer dizer, para um sujeito dotado de aptidão e da inclinação para fazer as diferenças que são tidas por significativas no universo social considerado. (BOURDIEU, 2003, p. 144)

Consideração que se associa à contribuição do conceito de território de Raffestin, para quem a configuração de um território, apenas se processa a partir da “ação conduzida por um ator sintagmático”¹ que, ao “territorializar o espaço”, tende a revelar neste, relações marcadas pelo poder e que de forma nenhuma é um processo que se dá ingenuamente. Para o autor, a territorialização, quando se processa no espaço, está associada a estruturas impregnadas de um significado absoluto e de um poder relacional. Relacional porque há no grupo, inserido neste fragmento do espaço, um limite de influência no processo de comunicação e atuação do ator.

Esta atuação, no âmbito da abordagem proposta, do uso da cultura como categoria de análise, passa então a ser analisada não mais, apenas, nas formas e suas funções, mas na atribuição de valor que estas concederão aos elementos culturais e que, aprovado coletivamente entre os membros do grupo, “se inscrevem no quadro da produção, da troca e do consumo das coisas”. (RAFFETIN, 1993, p. 161-162)

Pelo exposto, um exemplo na Região Metropolitana de Salvador é a localidade do Candeal Pequeno que, entre as décadas de 70/80, resistiu às transformações promovidas, em seu entorno, com o processo de valorização fundiária, sendo segregada e excluída do direito à infraestrutura urbana, às melhores condições de habitação e aos serviços e equipamentos públicos.

Mas, como embrionária de uma produção étnico-musical intensa, responsável pela projeção de personalidades de repercussão internacional, como o Grupo Timbalada, a cantora Daúde e o músico e compositor Carlinhos Brown, a comunidade permaneceu e, a partir de um movimento entre as lideranças, foi elaborado, na década de 90, um projeto de mudança que fosse além dos mutirões e que contemplasse um plano de desenvolvimento local.

Neste contexto é que, nos anos de 1994, foi fundada a organização não governamental Associação Pracetum Ação Social que, através de um saber fazer técnico, ou seja, a partir da valorização da riqueza nativa do lugar, da iniciativa das lideranças comunitárias e da facilidade

¹ Ator sintagmático, na obra citada é conceituado pelo próprio autor, como sendo um “(ator que realiza um programa) em qualquer nível”, p. 143.

de investimentos financeiros para viabilizar os projetos que contemplassem as demandas locais, deu início a uma verdadeira revolução social, que, em escala intra-urbana, apresenta resultados inquestionáveis. Contudo, para que tais benefícios fossem viabilizados, um dos elementos no qual se agregou valor com foco na captação de recursos financeiros foi o elemento cultural. Este, fortemente representado pela música percussiva, tem raiz na herança dos terreiros de candomblé que, com seus ritmos afro-descendentes, supera a prática da dança e da capoeira, também valorizadas e praticadas entre os moradores.

Logo, sob a ótica das reflexões apresentadas neste artigo sobre a cultura como categoria de análise nos estudos da geografia, como consideração o que se pode acrescentar é que a cultura, em escala intra-urbana, por si só, sem o auxílio de categoria de análise do espaço geográfico, tende a dificultar a apreensão de fatos que são subjetivos e que necessitam, para a síntese, ser apreendidos. Na dimensão do espaço vivido, dimensionar e avaliar o limite de influência de um elemento cultural tende a contribuir com a dinâmica urbana que se espera, mais justa e menos excludente, permitindo que valores sociais e espaços naturais sejam preservados por quem planeja as cidades.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Introdução à geografia cultural** (org.) Corrêa, R. L. e Rosendhal, Zeny. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

COSGROVE, D. E. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. Publicado originalmente em *Antípode – A Radical Journal of Geography*, Worcester, 15 (1), 1983, p. 1-11. In: **Introdução à geografia cultural** (org.) Corrêa, R. L. e Rosendhal, Zeny. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003, p. 107-108.

GOMES, P. C. **Geografia e modernidade**, Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**, São Paulo: Editora Moraes, 1991.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Hucitec, 1985.

SCHEINOWITZ, A. S. **O macroplanejamento da aglomeração de Salvador**. Salvador: EGBA, 1998.